Iniciação à filosofia de São Tomás de Aquino

Coleção **FILOSOFIA MEDIEVAL**

Coordenação: ***Cristiane N. A. Ayoub (UFABC), Carlos E. de Oliveira (UFSCar), José Carlos Estêvão (USP), Moacyr Novaes (USP)***

- *Iniciação à filosofia de são Tomás de Aquino: Introdução – Lógica – Cosmologia*, Henri-Dominique Gardeil
- *Iniciação à filosofia de são Tomás de Aquino: Psicologia – Metafísica* Henri-Dominique Gardeil

Henri-Dominique Gardeil

Iniciação à filosofia de São Tomás de Aquino

Introdução
Lógica
Cosmologia

Prefácio de
François-Xavier Putallaz

PAULUS

Título original
Initiation à la philosophie de Saint Thomas d'Aquin: introduction, logique, cosmologie
© Les Éditions du Cerf, Paris, 2007
ISBN 978-2-204-08396-6

Tradução: *Cristiane Negreiros Abbud Ayoub*
Carlos Eduardo de Oliveira

Direção editorial: *Claudiano Avelino dos Santos*
Assistente editorial: *Jacqueline Mendes Fontes*
Revisão: *Tiago José Risi Leme*
Caio Pereira
Pe. José Dias Goulart, ssp
Diagramação: *Dirlene França Nobre da Silva*
Capa: *Marcelo Campanhã*
Impressão e acabamento: PAULUS

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)
(Câmara Brasileira do Livro, SP, Brasil)

Gardeil, Henri-Dominique
Iniciação à filosofia de São Tomás de Aquino: introdução, lógica, cosmologia / Henri-Dominique Gardeil. — São Paulo: Paulus, 2013. — (Coleção Filosofia Medieval)

Bibliografia.
ISBN 978-85-349-3399-5

1. Filosofia - Introduções 2. Tomás de Aquino, Santo, 1225?-1274 I. Título. II. Série.

12-11508 CDD-101

Índices para catálogo sistemático:
1. Filosofia: Iniciação 101
2. Filosofia: Introdução 101

1ª edição, 2013

© PAULUS – 2013
Rua Francisco Cruz, 229 · 04117-091 · São Paulo (Brasil)
Fax (11) 5579-3627 · Tel. (11) 5087-3700
www.paulus.com.br · editorial@paulus.com.br

ISBN 978-85-349-3399-5

PREFÁCIO

Ler Tomás de Aquino

Atualmente, as novas tarefas da filosofia não carecem de horizonte. Requer-se dela uma resposta a uma tríplice solicitação, inscrita no coração humano: que abra um caminho de sabedoria, que esclareça e reafirme o espírito que busca a verdade e que ela expanda o horizonte da racionalidade científica ao vasto campo da metafísica.

Verdade, sabedoria, metafísica: três termos que parecem inconvenientes depois de tantos pensadores terem confinado a filosofia a áreas periféricas. Não a teriam alojado nas regiões descentralizadas, onde ela se refugia com complacência para daí seguir simples atalhos? Uma prescrição tão forte de humildade certamente não teria se dado sem mérito, e não seria razoável perder seus frutos. Com efeito, há alguns decênios a filosofia adquiriu novos rigores metodológicos em seu exercício lógico; libertou-se de muitas ingenuidades em sua crítica analítica da linguagem; aprendeu a circunspeção graças às ciências humanas e à psicanálise, e se deu conta da explosão do saber graças às pesquisas científicas de ponta, bem como encontrou um vasto campo de investigação na bioética; enfim, as pesquisas magníficas sobre sua própria história definitivamente a preservaram de generalizações precipitadas.

Ademais, permanece o fato de que a filosofia carece particularmente de audácia e dizemos, desde Henri Bergson, que ela sofre para se desatrelar de uma visão ampla e compreensiva do saber. Chega-se até mesmo a perguntar se haveria algum sentido em per-

guntar-se sobre o sentido. Talvez o que lhe falte seja uma ontologia geral suscetível de tirá-la de suas investigações muito regionais, de libertá-la da timidez que ela adotou em vez da humildade e de aí reencontrar seu recurso íntimo: o gosto do verdadeiro.

Esse desejo tão vívido da filosofia por renovar sua vocação primordial certamente não é a menor dentre as razões que convidam a ler Tomás de Aquino nos dias de hoje.

Mas as coisas não são tão simples assim... A experiência do século XX, a explosão do saber, assim como a pluralidade de abordagens culturais, éticas e religiosas evitam apresentar esse pensamento como o fez uma certa neoescolástica, muito rapidamente inclinada a elaborar um sistema *ad mentem sancti Thomae Aquinatis*. Se esse foi o entrave dos manuais tomistas de valor modesto, às vezes insípidos, que floresceram durante a primeira metade do último século, jamais foi essa a atitude dos que foram nossos mestres. Estes sempre souberam que a descoberta da verdade é inseparável do seu desenvolvimento vivo, que o espanto e a interrogação aprendem a amarrar os problemas, e que a verdade filosófica reside finalmente no desvelamento claro da dificuldade resolvida passo a passo. Uma resposta verdadeira é inseparável do método que a descobre.[1]

⁂

Nossos mestres de filosofia e de história do pensamento medieval nos mostraram que, longe de se reduzir a uma rica herança, vital em tempos de crise da transmissão,[2] a filosofia reivindica a verdade através de um desenvolvimento progressivo. Para chegar aí, importa ler os próprios textos, mediação privilegiada para ir às "próprias coisas".

[1] "Aristóteles diz primeiramente sobre aqueles que querem procurar a verdade, que devem se preparar, ou seja, duvidar convenientemente antes de fazê-lo: devem examinar com cuidado aquilo que é objeto de dúvida. Por quê? Porque a busca da verdade que se seguirá não é senão a solução daquilo de que se duvidou preliminarmente" (TOMÁS DE AQUINO, *Sententia super Metaphysicam,* III, lect. 1; cf. ARISTÓTELES, *Metafísica* III,1,995 a 27 – 995 b 2).

[2] Ver Alain FINKIELKRAUT, *L'ingratitude. Conversation sur notre temps*, Paris, Gallimard, 1999.

É esse o mérito mais excelente dos quatro volumes do padre Henri-Dominique Gardeil aqui reeditados.[3] Meio século após sua publicação, eles conservam todo o frescor graças aos magníficos textos de são Tomás, cuidadosamente traduzidos para o francês e disponibilizados simultaneamente em seu teor latino original. Porque esta é a finalidade de toda "iniciação": ajudar o leitor a se familiarizar com os textos. O excelente Étienne Gilson já havia circunscrito essa pretensão humilde e arriscada, quando escreveu que "o fim visado por todo historiador da filosofia é colocar seus leitores, o mais cedo e o mais acertadamente possível, nas mãos dos grandes filósofos; é ensiná-los a ler as obras dos filósofos para aprenderem com estes como devem ser pensados".[4]

Então, se perguntarmos como ler Tomás de Aquino nos dias de hoje, a resposta parece evidente: lendo-o.

Nada, portanto, substitui o acesso direto aos textos. E esse foi um dos méritos do padre Gardeil. Na célebre *Revue des Jeunes* [*Revista dos Jovens*], traduziu as questões I-II, 6-17 da *Suma de Teologia*, sobre os atos humanos: as questões I, 90-120, sobre as origens do homem; acrescentou um comentário às questões 65-74 consagradas à obra criadora dos seis dias; contribuiu com os tratados sobre a penitência ou sobre a caridade; e, em seguida, reformulou a tradução da questão inaugural consagrada à teologia.[5]

Se considerarmos tais estudos, um contraste impressionante não deixa de surpreender. Nos trabalhos consagrados à *Suma*, o padre Gardeil ateve-se a temas *teológicos* de primeira importância. Ora, aqui, nada transpira essa teologia; a ótica da presente iniciação é

[3] Publicada em 1952-1953 e reeditada várias vezes, a presente *Iniciação à filosofia de são Tomás de Aquino* foi traduzida para o inglês entre 1956 e 1958, e para o espanhol entre 1960 e 1967. [No Brasil, a obra recebeu outra tradução em 1967. A presente edição conserva a tradução anterior do tópico "Metafísica" e apresenta novas versões da introdução e das demais partes, quais sejam: "Introdução" "Lógica", "Cosmologia" e "Psicologia" (Nota dos Tradutores).]

[4] Étienne GILSON, *Saint Thomas moraliste*, 2ª ed., Paris, Vrin, 1974, p. 13.

[5] Entre outros estudos, assinalamos aquele que ele consagrou a seu tio dominicano: *L'œuvre théologique du père Ambroise Gardeil*, Étiolles, Le Saulchoir, 1956, bem como seu livro *Les étapes de la philosophie idéaliste* (*As etapas da filosofia idealista*), Paris, Vrin, 1935.

resolutamente filosófica. É somente ela que comanda a escolha de textos, extraídos de fontes exclusivamente filosóficas da obra de são Tomás. Assim, padre Gardeil conduz o leitor para fora das "sendas muito trilhadas", e os textos traduzidos surpreenderam a muitos, como surpreenderão ainda hoje. Desde o primeiro volume, por exemplo, tem-se acesso ao primeiro artigo da questão V tomada do *Comentário ao* De Trinitate *de Boécio*: esse texto consagrado à divisão das ciências especulativas não só é notável, mas é disponibilizado integralmente, com suas objeções e respostas. O leitor descobrirá várias pérolas desse gênero ao longo de sua progressão.

Nessa escolha de textos traduzidos pela primeira vez em francês, é de se assinalar, na segunda parte, a integralidade do opúsculo de juventude *De principiis naturae (Sobre os princípios da natureza*), que constitui como que o nervo da filosofia da natureza adotada por Tomás de Aquino. A iniciação destaca a relevância de diferentes *Comentários* de Aristóteles, como os comentários a *Peri hermeneias (Sobre a interpretação)*, *Física*, *Metafísica*; ou de excertos do *De ente et essentia (O ente e a essência)*, no último volume sobre a metafísica. Quanto ao volume consagrado à questão da alma e do conhecimento, tão estudada nos anos cinquenta, tão enublados de epistemologia, abre-se mais acesso às *Questões Disputadas* do que à *Suma de Teologia*. Em resumo, os quatro volumes aqui reunidos em dois tomos oferecem uma mina de textos filosóficos pouco correntes, em que o leitor progredirá de surpresa em surpresa.

⁂

Mas tal escolha de textos, por mais notável que seja, não vem do nada.

É comandada por uma opção geral. O título da obra é expressão exata disso; propõe uma *iniciação* à filosofia de são Tomás de Aquino. Com efeito, o corpo da obra reporta um curso introdutório elaborado durante os anos em que o padre Gardeil ensinava no Saulchoir, em que os três primeiros anos eram reservados à filosofia, antes de os estudantes serem iniciados e formados em teologia. A cada página sente-se o professor zeloso pela clareza, es-

truturando sua obra de maneira escolar, não sendo ranzinza diante dos muitos atalhos. Forçado à brevidade, evitando toda digressão inútil, esse livro é obra de um professor que inicia a um pensamento exigente, mas o faz nos modos de um sistema organizado, consignado em manual: a finalidade buscada é a coerência sistemática, facilmente acessível aos iniciantes. Se por vezes lhe falta fôlego, tem o mérito da ordem.

Cada desenvolvimento se verá pontuado por uma definição a ser retida, uma fórmula consagrada pelos séculos de tradição tomista, que gerações inteiras de estudantes repetiram com maior ou menor felicidade: apreenderam definitivamente que o tempo é "o número do movimento segundo o antes e o depois", que o objeto próprio da inteligência humana é a quididade dos seres materiais, ou que o caráter da substância consiste em "ser em si, e não em outro como inerente a um sujeito", todas fórmulas explicadas, claramente comentadas, de maneira que se possa facilmente confiá-las à memória. Quem não vê a grande utilidade e a humilde sabedoria desse tipo de ensinamento escolar? Mas quem não percebe seu limite?

Assim, essa *iniciação* comporta uma face dupla: de um lado, a parte escolar, um pouco laboriosa; de outro, a escolha de textos, magnífica, que jamais recua diante da dificuldade e da nuance.

O equilíbrio, instável, constitui o maior interesse dessa iniciação, se comparada aos manuais que eram usuais no meio do século XX.

⁂

Mas ela se apresenta como uma iniciação à *filosofia* de são Tomás. Aqui, a dificuldade é redobrada: seria possível isolar uma "filosofia" pura no seio da obra de são Tomás? O limite da empresa é patente desde o primeiro volume consagrado à lógica. A teoria do silogismo aí apresentada não pode ser simplesmente taxada de "filosofia de são Tomás", uma vez que, na realidade, ela é de Aristóteles, tal qual se encontra no *Órganon*. Contudo, tampouco é esta. Com efeito, alguém familiarizado com os *Segundos Analíticos* não encontrará nela exatamente o texto de Aristóteles. Portanto, o resultado é curioso: é a mesma doutrina, comentada por são Tomás, porém

transmutada em seguida em "escolástica", ou seja, adaptada aos manuais escolares depois que a ela foram integradas as contribuições da tradição latina, que se estende do século XIV ao XVII. Um exemplo fará vê-lo: o uso de termos mnemotécnicos que servem para classificar os dezenove modos e figuras do silogismo; esses termos latinos, que gerações de estudantes repetiram nos liceus franceses (*barbara*, *celarent*, *darii*, *ferio* etc.), não se leem nem em Aristóteles, decerto, nem em Tomás de Aquino. Eles são fruto do uso escolar "aristotélico-tomista", rico em muitos aspectos, e que conservou a prática dos lógicos sutis e escolares. Ora, pode-se, sem maior precisão, identificar essa doutrina tomista com a "filosofia de são Tomás de Aquino"?

Esse pequeno exemplo levanta um problema de primeira importância. No curso da história, muitas vezes reivindica-se a obra de são Tomás em função de necessidades do tempo. Donde se segue uma dupla requisição. Seria necessário, de um lado, ressaltar os desafios culturais que se modificam ao longo da história — os da Contrarreforma não são mais os da cultura pluralista de hoje, os do racionalismo conquistador do século XIX cortado pela crise da razão no início do século XXI. Seria necessário, por outro lado, estudar o imenso canteiro de obras de Tomás de Aquino, sem a obrigação de *privilegiar* nenhuma. Isso explica e justifica a pluralidade dos tomismos, cujas opiniões maiores não se misturam forçosamente.

Não havemos de nos ofuscar com esse estado de coisas: se o tomismo é compreendido como uma "forma de pensamento fundada sobre a convicção razoável segundo a qual os princípios, o desenvolvimento e as conclusões da teologia e da filosofia tomasianas constituem o fundamento de uma reflexão no mundo contemporâneo; [...] se, de um lado, considera-se a riqueza intrínseca da obra tomasiana e, de outro, a diversidade de razões que levaram certos pensadores a se apegar a ela no decorrer dos séculos, compreende-se a necessidade interna de uma pluralidade de tomismos".[6]

[6] Ruedi IMBACH, "L'originalité du thomisme de L.-B. Geiger", em Louis-Bertrand GEIGER (O.P.), *Penser avec Thomas d'Aquin. Études thomistes présentées par Ruedi Imbach*, Friburgo-Paris, Éd. Universitaires de Fribourg-Éd. du Cerf, 2000, p. XI.

É grande, então, a tentação de estabelecer uma tipologia desses diferentes tomismos, classificando-os em função dos sotaques próprios às diversas escolas; em seguida, bastaria atar a obra do padre Gardeil a uma dessas correntes. Assim, estabelecer-se-ia um tipo de "premiação" das obras tomistas em função da maior ou menor fidelidade ao são Tomás preferido pela história. Essa tentação, muito apregoada hoje, não ocorre sem ingenuidade: o estabelecimento de uma tipologia de tomismos faria crer que, nesse assunto, só o historiador gozaria do privilégio de uma visão imparcial. Na realidade, por mais úteis que sejam, tais tipologias não são neutras. Por sua vez, não são elas o reflexo de preferências da historiografia que elabora uma classificação, que é dependente de seu próprio contexto cultural? Se tal é o caso, a questão é inevitável: após o florescimento de historiografias do tomismo, será necessário encontrar no futuro um historiador "elevado ao quadrado", encarregado de escrever a historiografia das historiografias, e assim por diante, ao infinito. Esse movimento ininterrupto não é preço do relativismo historicista que merece ser relativizado? Um dia os historiadores mostrarão o quanto de tais tipologias faz parte da história vivente do tomismo. Eis aqui um exemplo.

Em O *Filósofo e a Teologia* lançado em 1960, Étienne Gilson lançava uma expressão que faria fortuna. Ao falar da "grande família dos 'tomistas' ", com leve ironia aos familiares que vivem sob o mesmo teto, expõe precisamente: "A sociedade está um pouco misturada, mas se constituiu, e, uma vez reunida sob esse título, seria necessário algum tempo para aprender a usá-lo".[7] Em seguida, há tipologias, dentre as quais a do padre Henri de Lubac, em seus comentários às *Cartas do senhor Gilson*, que lhe foram endereçadas.[8] Essa tipologia está prestes a se tornar um lugar comum.[9]

[7] Étienne GILSON, *Le Philosophe et la Théologie,* Paris, Vrin, 1960, p. 216. [Traduzido em língua portuguesa: Étienne GILSON, *O Filósofo e a Teologia,* trad. Tiago José RISI LEME, São Paulo, Paulus, Santo André, Academia Cristã, 2009, p. 202 (N.T.)]

[8] *Lettres de monsieur Étienne Gilson adressées au père Henri de Lubac et commentées par celui-ci*, Paris, Éd. du Cerf, 1986.

[9] Ver Étienne FOUILLOUX, *Une Église en quête de liberté. La pensée catholique française entre modernisme et Vatican II, 1914-1962*, Paris, Desclée de Brouwer, 1998, p. 109 s.

Poder-se-ia sumariamente distinguir oito variantes na grande família tomista no século XX:

– um tomismo *suareziano* influenciado pelos "grandes comentadores", dos quais o padre Descoqs é um representante, a meio caminho entre são Tomás e Christian Wolff;

– um tomismo *miscigenado pela Ação Francesa*, p. VII cujo propósito histórico ficou conhecido em 1926;

– um tipo de tomismo quase *antiagostiniano*, em que o padre Pierre Mandonnet, por exemplo, vê o anúncio de certa laicidade;

– um tomismo *antikantiano*, encarregado de se integrar à epistemologia moderna, incorporando elementos desta (Pierre Rousselot e Joseph Maréchal);

– a *escola de Louvain* (cardeal Mercier, Léon Noel, Maurice de Wulff e Fernand Van Steenberghen) busca elaborar uma filosofia pura descolada de toda teologia, na qual o conceito de "filosofia cristã" parece um verdadeiro "círculo quadrado";

– *Jacques Maritain* constitui uma classe só dele. Fortemente influenciado por Caetano, depois sobretudo por João de São Tomás, pouco inclinado a colaborar com Sertillanges ou Rousselot, ele insiste na distinção fina entre a ordem natural e a ordem sobrenatural, "mais cara à fé católica que a pupila dos olhos";

– *Étienne Gilson*, historiador vindo da pré-história cartesiana, manifestará sempre mais fervor acerca de são Tomás, até seu grito de 1955: "A Teologia em primeiro lugar!".

– último em data, o *tomismo historicizante*, de Marie-Dominique Chenu até a comissão Leonina, a partir de 1950 (René-Antoine Gauthier). Esse tomismo "não confessional" se veste de uma forma suscetível de ser ensinada nas universidades laicas.

É legítimo interrogar-se sobre a pertinência de tal tipologia, completamente confinada, aliás, à esfera francófona. E é possível duvidar que belos trabalhos, como aqueles de Jean-Pierre Torrel, pudessem aí se deixar circunscrever. Ademais, tampouco estaria classificada aí a jovem geração de dominicanos que hoje iniciam novos trabalhos na *Revue Thomiste* (*Revista Tomista*). Além disso, destacam-se dois eixos maiores no tomismo atual: de um lado, a despeito

dos comentadores, há um tipo de "retorno a são Tomás", acompanhado do que implica esse tipo de nostalgia da pureza das fontes; de outro lado, um tomismo orgânico e evolutivo, buscando fazer face aos problemas novos do tempo presente e, portanto, menos preocupado com a letra tomasiana do que com o espírito dos princípios.

E constata-se, não sem prazer, que os livros do padre Gardeil escapam a essa classificação. A volta aos textos e à tradução deles os reata à necessidade de compreender à letra a análise tomasiana; inversamente, o curso de iniciação integra as contribuições dos grandes comentadores e testemunha a necessidade de deixar aquilo que é obsoleto para interrogar-se acerca da compatibilidade do tomismo com a imagem científica do mundo atual.

Tudo isso mostra de maneira patente os limites de toda tipologia que é muito rígida.

Resta que as lentes de leitura têm importância em toda essa questão, e aquelas que padre Gardeil usa não são isentas de interesse. Ademais, elas estariam em uma armação assaz corrente na França dos anos 1950, que não surpreende um padre dominicano encarregado do ensino filosófico no *studium* do Saulchoir. Nascido em Nancy em 1900, entrou na ordem dominicana em 1922 e faleceu em 1974. Padre Gardeil consagrou-se desde 1930 ao ensino da filosofia no célebre *studium* dominicano, a princípio em Kain (Bélgica), depois em Étiolles. Aqueles que o conheceram testemunham ainda hoje seu trabalho preciso, regular, rigoroso, mas muito "escolar".

⁂

Portanto, a divisão do ensino próprio a um *studium* dominicano como o Le Saulchoir explica algumas curiosidades dessa iniciação.

Com efeito, causam espanto alguns espaços deixados vazios, em particular o da teologia natural, muito pouco evocada no último tomo. Mas, sobretudo, espanta que nenhum volume tenha sido consagrado à ética. Como se pode ter a pretensão de uma iniciação que compreenda a filosofia de são Tomás, sem fazer alusão à filosofia moral? A razão disso se deve ao fato de que o ensino da moral

era remetido aos estudos de teologia; o professor de filosofia era desobrigado dessa tarefa. Eis o contexto.

Entretanto, esse recorte institucional levanta uma questão estimulante. A ética constitui um monumento considerável da obra de são Tomás e, para nos referirmos à *Suma de Teologia*, uma iniciação à moral tomasiana deveria ter feito a síntese da *Secunda pars*. A empresa teria sido impossível, pois, se há um domínio em que a teologia comanda o pensamento filosófico de são Tomás, esse é ele. Imaginar-se-ia uma iniciação à *filosofia* que comece por lembrar que o fim bem-aventurado, a saber, a beatitude, consiste na visão de Deus face a face? Poder-se-ia falar seriamente da moral tomasiana abstraindo as virtudes teologais da fé, da esperança e da caridade? Ainda seria filosofia? Mas se não for feito isso, ainda seria o pensamento de são Tomás? Melhor: Mas se não for feito isso, esse ainda seria o pensamento de são Tomás?

Um curso de ética tomista teria sido, tal como a obra bem pouco conhecida do padre Marie-Michel Labourdette, um curso de "teologia moral", todo cravejado de reflexões filosóficas, mas comandado por uma intuição teológica. Mais do que em outra área, percebe-se na moral o quanto Tomás de Aquino fez obra de teólogo, o qual não se contenta em utilizar uma filosofia pré-constituída, mas elabora por si mesmo um pensamento coerente, à medida que o exige seu trabalho teológico. Consagrar um volume à filosofia moral de são Tomás reconduziria de pronto à teologia, e teria impedido o projeto inicial de constituir uma filosofia separada. Então, a própria pretensão de uma "iniciação à *filosofia* de são Tomás de Aquino" teria sido abalada.

⁂

Cinquenta anos após esta publicação, a situação tornou-se mais clara: nos dias de hoje não mais se apresentaria a filosofia de Tomás de Aquino à maneira do padre Gardeil nos volumes aqui reeditados. Mas qual sentido se daria a essa reedição? A razão mais profunda parece-me ser a vontade de inserir os desenvolvimentos tomistas atuais na massa da tradição comum, evitando uma dupla armadilha.

A primeira armadilha seria recair em um tradicionalismo nostálgico: o tomismo um pouco rígido que se endireita "tal qual a estátua de um Comandante", e no qual a obra de são Tomás aparece "garantida pela sanção magisterial, contendo, sob forma de teses imutáveis formuladas de uma vez por todas, a expressão definitiva do saber teológico e filosófico".[10] Se o tomismo viveu muitos anos de purgatório, não foi somente por um efeito de moda. As querelas intestinas no seio dessa tendência tradicionalista, arrogante por sua literatura ciumenta e cada vez menos crível, pois a letra não parecia a mesma para todos; essas querelas, às vezes duplicadas como anátemas conduzidos uns contra os outros, foram uma causa que entravou o desenvolvimento de um pensamento inspirado pelas grandes intuições de são Tomás. Ao transformá-lo em uma autoridade à qual seria necessário "retornar", ao elevá-lo ao posto de um verdadeiro magistério, o tradicionalismo paradoxalmente reduziu o tomismo a *uma* corrente particular entre outras no seio da tradição filosófica e teológica. E o Doutor comum encontrou-se relegado ao posto de doutor particular pelo próprio gesto que queria preservá-lo disso.[11]

Daí surgiu a segunda armadilha, que consiste em crer que basta se libertar dessa tradição e de sua história para que se faça um trabalho pioneiro. O particularismo fundamentalista induziu a um novo particularismo: aquele que vê a raiz de todos os males no recurso à tradição. Esta segunda maneira, individualista, de praticar a filosofia não data de ontem, e alguns arbitrariamente a fazem remontar a René Descartes, cuja pretensão de construir a ciência nova despedia-se de toda dependência, pelo único motivo de que todo vínculo cultural consistiria em uma alienação. Essa atitude, que não é isenta de relação com o *sapere aude* de Kant

[10] Serge-Thomas BONINO, "Être thomiste", *Thomistes, ou de l'actualité de saint Thomas d'Aquin*, prefácio do cardeal Christoph Schönborn, posfácio de Georges Cottier (O.P.), Paris, Parole et Silence, 2003, p. 23.

[11] A aposta era das mais graves: "A absolutização de uma tradição particular é uma tentação que, de fato, dissimula uma perigosa negação da transcendência da pessoa humana" (*ibid*., p. 20).

e com a inspiração profunda do século das Luzes, faz pouco da dimensão social indispensável ao desenvolvimento do saber da humanidade.

Ora, se há uma época que, com magníficas conquistas da ciência, sabe algo sobre isso, é precisamente a nossa. Se o saber deve considerar essa dimensão social da atividade intelectual do homem, é também temporalmente que essa exigência se desdobra. Reivindicar são Tomás é também reconhecer esse condicionamento humano, reivindicando a tradição certamente para constituir uma obra nova, mas que requer uma colaboração entre gerações. Pensar é pensar em relação com os outros. Com efeito, só se pode encontrar, bem ou mal, "a verdade das coisas pela mediação de uma tradição, ou seja, de uma história".[12]

Nessa história, são Tomás protagoniza um papel inestimável, notadamente pelo fato de a noção de ser e a analogia que a caracteriza constituírem um princípio assaz vasto para dar conta dos pontos de vista particulares de muitas outras filosofias. Fazer justiça a outras tradições, ainda que nenhuma delas sequer dê conta da amplidão da noção tomasiana de *esse* (ser), tal é o maior trunfo do pensamento de são Tomás, como já assinalava Étienne Gilson.[13] E essa não é a menor das justificações para o título de *Doutor comum* que lhe foi dado.

Arraigar-se nessa tradição é, portanto, praticar a "interdisciplinaridade pela história", a fim de estruturar o saber de maneira orgânica e de fazê-lo progredir de maneira homogênea. Com efeito, a vida de uma doutrina consiste em aumentar o patrimônio cultural transmitido, honrando a lei fundamental de toda vida; todo progresso verdadeiro frutifica a herança recebida, à maneira de como um organismo vivente se adapta às circunstâncias para se desenvolver e crescer harmoniosamente, sempre conservando sua pró-

[12] *Ibid*., p.17.

[13] Étienne GILSON, *Les Tribulations de Sophie*, Paris, Vrin, 1967, p. 41 s.; Serge-Thomas BONINO, "Historiographie de l'école thomiste: le cas Gilson", dans *Saint Thomas au XXe siècle. Actes du colloque du centenaire de la "Revue Thomiste", Paris, Saint-Paul*, 1994, p. 299-313.

pria identidade. Pela novidade, o antigo não se torna diferente; ao contrário, cresce de maneira orgânica. Tal é a lei de toda obra que vale a pena: crescer o antigo pelo novo, *vetera novis augere*.

Nesse sentido, entre numerosos manuais tomistas que o século XX produziu, é útil reeditar o do padre Gardeil: inscreve-se em uma tradição em relação à qual não se orgulharia de ultrapassar. Testemunho de uma maneira de ler Tomás de Aquino própria à França dominicana dos anos 1950, ele é como uma articulação entre, de um lado, algumas tentativas infelizes e fundamentalistas de pensar a filosofia e a ciência de Tomás, reduzidas às de Aristóteles, como se se tratasse da filosofia e da ciência; e, de outro lado, um chamado constante a destacar os princípios mais universais que estão no coração do pensamento tomasiano, a fim de mostrar sua fecundidade para uma compreensão de um mundo no qual a ciência já apresentava uma imagem desconcertante.

⁂

A novidade do final do século XX consiste em ter admitido, graças principalmente aos resultados do método histórico-crítico, que o ponto fundamental da filosofia de são Tomás consiste em sua fé n'Aquele que é a Verdade. Certamente isso era sabido, mas se agia como se a filosofia não fosse afetada por isso. Os magníficos trabalhos do padre Torrell, considerando bem, tão devedores dos caminhos abertos pelo padre Chenu, convidam hoje a ler Tomás de Aquino também como teólogo, como teólogo em primeiro lugar. Isso talvez impeça alguns de se lançarem aí; mas, sejamos francos, acredita-se verdadeiramente que eles se lançariam aí se fossem levados a crer em uma filosofia autossuficiente e independente de são Tomás? Essa maneira de apologética não é um engano? Imagina-se com dificuldade que alguém predisposto contra o cristianismo entre na vida íntima da filosofia tomasiana unicamente como objetivo de que ela seja declarada descolada da fonte de inspiração cristã que dela é propulsora.

Há, então, nessa nova maneira de "pensar com Tomás de Aquino" um convite – premente desde a encíclica *Fides et Ratio* – para

sustentar o trabalho filosófico, autônomo que é, com uma luz mais alta que, longe de impedi-la ou refreá-la, seria antes suscetível de libertar a filosofia do regionalismo, no qual hoje ela se compraz muito espontaneamente. Então, a fé certamente continuará a dar asas para a razão voar melhor – tal é o ofício da teologia –; ora, por que, ademais, não as teria dado para fazer a razão melhor caminhar e progredir no caminho filosófico de uma humanidade em busca de sabedoria?

François-Xavier PUTALLAZ,
Universidade de Friburgo.